



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**



JOSÉ RENAN SANTOS SOUSA

SEXUALIDADE: REFLEXÕES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

PICOS
2017

JOSÉ RENAN SANTOS SOUSA

SEXUALIDADE: REFLEXÕES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas modalidade Licenciatura da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros - Picos, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Me Nilda Masciel Neiva Gonçalves.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S725s Sousa, José Renan Santos

Sexualidade: reflexões no estágio supervisionado
/ José Renan Santos Sousa.– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (37 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura
Plena em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do
Piauí, Picos, 2018.

Orientador(A): Prof^a. Ma. Nilda Masciel Neiva Gonçalves

1. Sexualidade-Estágio Supervisionado. 2.Orientação
Sexual. 3. Ciências Biológicas. I. Título.

CDD 370.733

JOSÉ RENAN SANTOS SOUSA

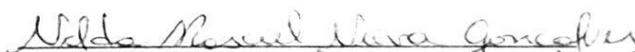
SEXUALIDADE: REFLEXÕES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas modalidade Licenciatura da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros - Picos, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduado em Ciências Biológicas.

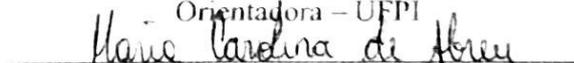
Orientadora: Profa. Me Nilda Masciel Neiva Gonçalves.

Aprovado em: 20-11-2017

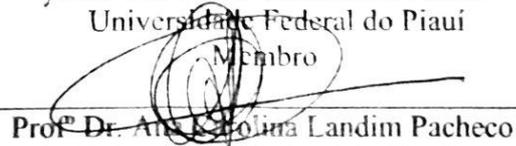
Banca Examinadora:


Prof.^a Me. Nilda Masciel Neiva Gonçalves

Orientadora – UFPI


Prof.^a Dr. Maria Carolina de Abreu
Universidade Federal do Piauí

Membro


Prof.^a Dr. Ana Carolina Landim Pacheco
Universidade Federal do Piauí
Membro

Prof. Dr. Marcia Maria Mendes Marques
Universidade Federal do Piauí
Suplente

O preconceito pode acabar com a vida das pessoas, respeite as diferenças, goste sem ignorância e hipocrisia, o que seria do mundo se tudo fosse igual? Então, abrace a diversidade e viva a liberdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que nunca me desamparou, oferecendo-me saúde, força e habilidades para enfrentar todas as dificuldades postas em meu caminho. A minha família, especialmente meus pais, Luiz Jose de Sousa e Maria de Jesus Santos Sousa, que sempre me educaram com honestidade, dignidade e caráter, para seguir o caminho certo, sempre me deram extremo apoio e forças para chegar nessa conquista que também é um sonho deles. As minhas irmãs Roberta Santos Sousa, Renata Santos Sousa e Rayane Santos Sousa que constantemente me enriqueciam com conselhos e conhecimentos, ao meu irmão Ricardo Santos Sousa que mesmo distante sempre torceu por mim, incentivando-me. Agradeço também aos meus amigos e colegas Luiza Maíra Pires, Flávio Augusto Costa vieira e Silva, Ana Régia Sales, Antônia Simone Soares e João Lucas Avelino pela a força durante essa luta e seus companheirismo, e o apoio nas horas difíceis. Agradeço também a todo o corpo docente da Universidade Federal do Piauí, que com honra e mérito me proporcionaram conhecimentos diversos e hoje vislumbro novos horizontes.

A minha professora orientadora Nilda Masciel Neiva Gonçalves, pelos ensinamentos, e por não medir esforços, demonstrando empenho e dedicação na elaboração desse trabalho. Sua orientação, confiança e trabalho foram determinantes na realização do trabalho de conclusão de curso. E a todos que a mim ajudaram de forma direta ou indireta, fazendo parte da minha formação. Muito Obrigado!

RESUMO

O tema sexualidade está em voga e muitas são as discussões presentes na área educacional. Discussões referentes a sexualidade ligada a conceitos biologicistas e a necessidade do trabalho docente com visões mais amplas dessa temática, onde ocorra o reconhecimento da diversidade de sujeitos e respeito as diferenças. Assim o trabalho que tem como tema: Sexualidade: reflexões no estágio supervisionado, objetiva analisar a concepção de alunos-mestres sobre sexualidade, caracterizar a prática dos alunos-mestres para com a temática em questão e refletir sobre as práticas relacionadas a abordagem dos conteúdos vinculados a sexualidade. Com isso, tem como sujeitos 22 alunos-mestres do Curso de Ciências Biológicas da UFPI que encontravam-se realizando o Estágio Supervisionado em escolas públicas de ensino que ofertam a Educação Básica no município de Picos. Para fundamentar o trabalho foram consultados teóricos como: Abramovay (2004), Altmann (2001), Anjos (2000), Barreto (2013), Costa (2005), Diniz (2011), Jesus (2012), Junqueira (2010), Lira (2010), Louro (1997), Maia e Ribeiro (2011), Mott (2000), Neves (1996), dentre outros. Trata-se de um trabalho de abordagem qualitativa que teve a entrevista como técnica de coleta de dados. Com a coleta dos dados e posterior análise constatou-se que os alunos-mestres possuem concepções biologicistas de sexualidade; que a palestra é a técnica mais utilizada para abordagem da temática por alunos-mestres durante a realização do estágio supervisionado e que maiores reflexões no Curso de Formação de Professores de Biologia sobre sexualidade ajudaria a compreensão em amplitude do tema e sua abordagem contemplando o respeito e aceitação das diferenças.

Palavras Chave: Sexualidade. Estagio Supervisionado. Respeito às diferenças.

ABSTRACT

Sexuality is part of every individual each one has his own personality. Because it is a very complex subject, it is up to the educational institutions to address the various factors that together concern the person's sexuality. The Supervised Internship is an opportune time for new learning. Moment in which the master students know in depth the school space, place of exercise of the profession that they chose. It is reflecting on the school that we have and the students we want to train and what to train is to accept the challenge of immersing ourselves in the struggle for the social causes of valorization of being, respect for diversity of race, gender, sexual and cultural choice, etc. The present research has as its title: Sexuality: reflections in the supervised stage, was carried out in the municipality of Picos, with students from the Federal University of Piauí Campos Senador Helvídeo Nunes de Barros-CSHNB, with students legally enrolled in the supervised stage reGENCY category. In order to base the research, it was consulted theorists as: Altmann (2001), Lira (2010), Santos (2013), Vasconcelos (2012), Maia and Ribeiro (2011), Louro (1997), Ribeiro, Silva and Goeliner Sefner et al (2006) and Costa (1999). After the analysis of the questionnaires, the answers were almost all similar in some of the questions. In general, it was understood that the interviewees had a brief knowledge about the subject, with different answers, not so clear, but with the same meaning in the context of the questions. It was possible to perceive that the master students have a certain knowledge, but that it needs to be better worked, and that they need to make a wider study on the subject, because it is known how complex the research theme is. With the further improvement, and with the accomplishment of works like projects interventions in the schools and in the universities, surely the theme sexuality would be better worked, always with the focus in preaching the respect to the difference from person to person.

Keywords: Sexuality, Supervised Internship, Respect for diversity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ETAPA DE FORMAÇÃO DOCENTE	8
2.1 SEXUALIDADE, ESCOLA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	10
3 SEXUALIDADE UMA QUESTÃO DE RESPEITO	12
4 METODOLOGIA DA PESQUISA	16
4.1 ÁREA DE ESTUDO.....	16
4.2 TIPODEPESQUISA, SUJEITOS E INSTRUMENTOS.....	17
5 ANÁLISE E DISCURSÃO DOS RESULTADOS	19
5.1 DA PESQUISA COM OS ALUNOS	19
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

ANEXOS

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é momento oportuno para realização de novas aprendizagens. Momento em que os alunos-mestres conhecem a fundo o espaço escolar, local de exercício da profissão que escolheram.

Muitas são as vivências realizadas durante o estágio e as possibilidades de reflexão sobre a prática realizada por professores experientes e aprendizes do ofício docente. Assim, torna-se viável a realização de pesquisas na área de formação de professores, especialmente, durante o Estágio Supervisionado, espaço de construção coletiva de conhecimentos e partilha de experiências.

Pensar o Estágio Supervisionado é pensar a prática docente e os desafios contemporâneos emergentes da sociedade globalizada, multicultural, consumista, individualista. É refletir sobre a escola que temos e os alunos que queremos formar e pra que formar, é aceitar o desafio de imergir na luta pelas causas sociais de valorização do ser, respeito a diversidade de raça, gênero, opção sexual, cultural, etc.

Nesse contexto, cabe as instituições formadoras de professores ensinar os futuros professores a refletir sobre os problemas presentes no seio das instituições escolares e buscar o trabalho coletivo, compartilhado como prática permanente para superação dos desafios contemporâneos. Dessa forma, reconhecemos que o tema sexualidade deve ser trabalhado nas instituições formadoras de professores a fim de ajudar os futuros professores a melhor desenvolver sua prática nas escolas de Educação Básica.

Trabalhar o tema sexualidade não é algo fácil, visto que, muitos são os tabus culturais que impediram o desenvolvimento dessa temática na escola, então diante da necessidade do trabalho com a temática surge o problema da pesquisa: Quais as concepções de alunos-mestres sobre o tema sexualidade e como os mesmos estão trabalhando essa temática durante o Estágio Supervisionado?

Diante dessa problemática, objetivou-se analisar a concepção e prática docente de alunos-mestres sobre sexualidade. Tendo especificadamente o desejo de: conhecer as concepções de alunos-mestres sobre sexualidade; caracterizar a prática docente de alunos-mestres durante o Estágio Supervisionado; refletir sobre as concepções e práticas de alunos-mestres durante o estágio supervisionado com o desenvolvimento do tema sexualidade.

A tratativa do tema sexualidade deve ser abrangente e atender as transformações sofridas pelas sociedades ocidentais, buscando a ruptura com um paradigma heterossexual, tido como “natural” e soberano, em detrimento a não aceitação das relações homossexuais.

Não se trata de orientar educandos (as) quanto a uma opção sexual, mas, de esclarecê-los quanto a constituição permanente de sua identidade sexual e de gênero. Bem como, quanto ao respeito e aceitação para com as diversidades de orientação sexual e de gênero, sendo que, essa não o tornará menos humano.

A ruptura com a visão naturalizada de representações sociais ditas normais cabe a escola, visto que os sujeitos passam boa parte de suas vidas nesse ambiente e nele constroem relações que ajudam na realização de escolhas. Assim, torna-se viável saber o que sabem os alunos-mestres sobre sexualidade e como esses trabalham essa temática durante o Estágio Supervisionado. A realização do trabalho contribui para compreensão do que está sendo vinculado sobre o tema sexualidade durante a formação de professores, desvelando concepções que devem ser refutadas ou aprimoradas.

2 ESTAGIO SUPERVISIONADO: ETAPA DE FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio supervisionado é momento em que o licenciando entra em contato com o espaço que escolheu para atuar profissionalmente, momento de relembrar e construir conceitos, aplicar os conhecimentos adquiridos durante todo seu processo de formação. Assim, cabe compartilhar as idéias de Aguerrondo (2009, p.363), ao afirmar: “A competência profissional do professor não se sustenta apenas no conhecimento científico que as ciências da educação podem lhe dar, mas no saber prático, “o saber da experiência” que deve estar integrado ao conhecimento”. Cabendo aos alunos-mestres, a mobilização de saberes necessários a sua prática.

O Estagiário Supervisionado na educação básica passa por dificuldades, tais como, o intercâmbio entre escola formadora e escola campo de estágio, onde atividades algumas vezes são burladas, tornando o estágio restrito à ação de observação, muito mais do que a prática efetiva, assim:

O que de fato, observa-se é que os estágios supervisionados, rica oportunidade na formação de professores, nem sempre são compreendidos como tal. Pouco ou nada se reflete a cerca das observações feitas durante as horas estagiadas. Deixa-se de lado um sub aproveitamento da atividade de estágio supervisionado, o que poderia ser a base de uma ação reflexiva-crítica para que se supervisione muito mais as horas cumpridas do que as ações que de fato se realizaram e ou presenciaram na escola campo de estagio. (VASCONCELOS, 2012. p. 22)

Durante o Estágio Supervisionado o aluno-mestre não deve apenas ver como é o ambiente de trabalho do profissional da educação, mas também, despertar o olhar crítico em relação ao meio escolar, e o que acontece nas aulas observadas, afim de, encontrar soluções para os problemas observados no contexto escolar.

Nesse contexto, é importante preparar o licenciando para o trabalho com a unidade teoria-prática desde os primeiros semestres do curso de formação de professores, reconhecendo-se não apenas no Estágio Supervisionado o momento de prática do curso de formação, como determina as Diretrizes Curriculares Nacionais (2001) de Ciências Biológicas.

O estágio curricular deve ser atividade obrigatória e supervisionada que contabiliza horas e créditos. Além do estágio curricular, uma série de outras atividades complementares deve ser estimulada como estratégia didática para garantir a interação teoria-prática, tais

como: monitoria, iniciação científica, apresentação de trabalhos em congressos e seminários, iniciação à docência, cursos, atividades de extensão.

Portanto, são diversas as atividades que podem ser realizadas para o desenvolvimento de práticas que permitam aos licenciados o desenvolvimento de habilidades e saberes próprios da profissão docente.

No Estágio Supervisionado o aluno tem que usar na prática tudo o que aprendeu nas aulas teóricas. Demonstrando conhecimento crítico, como um profissional que busca aprimorar sua qualificação, demonstrando ética profissional, afim de, propiciar melhor interação social no ambiente de trabalho, pois, na profissão é adquirida a responsabilidade pelo desenvolvimento humano.

Não se pode eximir o licenciando da realização do Estágio Supervisionado nos cursos de formação de professores, pois, esse momento é crucial para a compreensão do real papel docente, momento do licenciando ver-se como professor, tendo como ponto de partida o fazer educação com dedicação, conhecimento. Para Santos (2013, p. 28), a compreensão de que:

A união das palavras dedicação e ensino retifica a visão de que o sujeito que se ocupar com essa área precisa estar ciente do quanto o ensinar vai exigir dele, que medida de atenção a função lhe cobrará, quais olhares ocuparam a sua mudividência enquanto personagem importante do público sob seu atendimento.

Deste modo, o estágio é o momento em que os estagiários se veem professores, passam a pensar como professores. A Lei N 11.788, de 25 de setembro de 2008 foi sancionada no intuito de melhorar a preparação do futuro profissional da área de educação, aproximando-o do ambiente de trabalho. A lei enfatiza a importância do estágio supervisionado como parte do projeto pedagógico do curso de formação de professores, e o coloca como componente obrigatório durante a formação.

Nesse contexto, o art. 1º da referida Lei, expressa que o Estágio é ato educativo escolar supervisionado a ser desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. Esclarece também, que o aluno (discente em formação) obrigatoriamente deve ser acompanhado por um professor supervisor, disponibilizado pela instituição concedente e um professor orientador, esse da instituição de Ensino Superior.

As orientações recebidas por profissionais mais experientes ajudaram ao alunos - mestres a tirar suas dúvidas durante o processo educativo e a mobilizar os saberes próprios da profissão. Durante o Estágio Supervisionado vários conceitos são trabalhados por alunos-mestres de Biologia em sala de aula e cabe a eles também o trabalho com a temática sexualidade, assunto que diferentemente do que pensa alguns estudiosos, chega sim ao espaço escolar.

2.1 SEXUALIDADE, ESCOLA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Um tema polêmico que nas últimas décadas vem sendo discutido por vários educadores é a sexualidade, visto que, trata-se de um processo natural para vários pesquisadores, e um tabu para outros. Assim, não é matéria obrigatória nas escolas, mas constitui-se como tema necessário a ser explorado, pois, possibilita a compreensão dos discursos referentes à temática e o esclarecimento dos direitos de cada cidadão quanto à escolha de sua identidade sexual e identidade de gênero. Características singulares de cada pessoas, cada indivíduo possui sua sexualidade.

Diante das diversas transformações que viveram as sociedades ocidentais, a partir dos anos setenta, as escolas passam a trabalhar com a Educação Sexual que nada mais é do que uma política curricular na tentativa de regular e orientar crianças e jovens dentro dos padrões que se consideravam moralmente normais. Sendo o sexo posicionado mais como um perigo ou ameaça, do que como uma oportunidade. Assim, a minimização da sexualidade ao ato sexual desprovido das dimensões do prazer defende a heterossexualidade, a exclusão de gays e lésbicas que sofrem discriminação em várias instancias sociais, sendo a escola, apenas uma delas.

No Brasil, intelectuais e militantes ligados aos movimentos LGBT, trazem suas experiências e estudos, buscando formas de afirmação da identidade homossexual e o rompimento com a discriminação sofrida por os\as homossexuais. Para Louro (1997) trata-se do reconhecimento da Educação Sexual não especificamente aos componentes do sexo, mas, as diversas formas como a sexualidade é vivida por mulheres e homens. Para isso professores e futuros professores devem ater-se a práticas inovadoras que não alimentem apenas o moralismo tradicional mais que busquem por em evidencia as questões sociais e culturais que são valorizadas muitas vezes pelo currículo e por discursos progressistas. Trata-se de não deixar no papel os modelos de discursos contra a discriminação e liberdade de orientação

sexual e por em prática as diversas formas de abordagem da temática em prol da equidade social.

“Fortemente atravessado por escolhas morais e religiosas, o tratamento da sexualidade nas salas de aula geralmente mobiliza uma série de dualismos: saudável\doentio, normal\anormal, heterossexual\homossexual, próprio\impróprio, benéfico\nocivo, etc.” (LOURO, 1997, p. 133). E os professores devem tentar romper essa barreira que está moldada por um viés tradicionalista que desconsideram novos modelos de família, além de silenciar sobre a relação afetiva homossexual.

Com isso, os profissionais educadores tem que ter um bom conhecimento sobre assuntos biológicos e socioculturais, e saber adequar-se nas formas de se expressar, sendo coeso e claro, para que possa promover o conhecimento e entendimento na questão trabalhada, “[...] o trabalho de orientação sexual também implica o tratamento de questões que nem sempre estarão articuladas com as áreas do currículo, emergindo e exigindo do professor flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhá-las.”(LIRA E JOFILI, 2010, p. 24). É importante que o professor saiba abordar o tema, seja bastante flexível e habilidoso na forma de trabalhar.

3 SEXUALIDADE UMA QUESTÃO DE RESPEITO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) apresenta como tema transversal a Orientação Sexual, a ser trabalhada de forma transversal na escola, eximindo a obrigatoriedade de discussões sobre o tema sexualidade vinculado apenas ao ensino de Ciências e Biologia. A sexualidade, então, passa a ser reconhecida como importante

[...] no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. (PCN, 1997, p.255)

A forma como a sexualidade se manifesta vai ser refletida no jeito de ser da pessoa, nos gostos e preferências, na busca dos prazeres, que são singularidades de cada um, essas características muitas vezes não são bem aceitas no meio das famílias e sociedades conservadoras. Considerando o fato de que vivemos em uma sociedade heterossexual e heteronormativa, jovens que se declaram homossexuais vivem a dúvida de assumirem-se para si mesmos e para os outros e pagarem o preço do julgamento e da discriminação (TEIXEIRA; MARRETTO; BENINI; SANTOS; MENDES, 2012).

Um dos problemas encontrados na sociedade há anos é o preconceito sexual, enfrentado por quem em determinado momento da vida percebe que possuir a orientação sexual fora dos padrões tidos como “normais”. Fator esse que fortalece a luta em prol do respeito e reconhecimento das diferenças de gênero, sexo, etnia, dentre outros.

Globalmente, a orientação sexual costuma ser categorizada em três dimensões: heterossexualidade, bissexualidade e homossexualidade (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 20) Mas, também existem pessoas que possui orientação sexual denominada de Assexual, dentre outras (autor, ano).

Os indivíduos com orientação sexual denominados heterossexuais, são as pessoas que tem afetividade e desejo sexual por uma pessoa de sexo oposto ao seu; homossexuais são indivíduos que sentem atração por pessoas do seu mesmo sexo; bissexual ocorre as duas maneiras ao mesmo tempo, ou seja, a pessoa tem atração por os dois gêneros feminino e

masculino, e os assexuais são indivíduos que não se sentem atraídos por indivíduos seja do sexo masculino ou feminino.

Assim, com o aumento do número de pessoas se autodeclarando homossexuais, a sexualidade se tornou objeto importante de estudo para os psicólogos que tentam compreender as causas da homossexualidade e formas de aceitação social das diferenças. Nesse contexto, também são realizadas discussões sobre a identidade de gênero.

Identidade de gênero significa como o indivíduo se identifica quanto ao gênero, ou seja, como ela quer ser vista pela sociedade: como homem, mulher, nenhum dos dois, os dois ao mesmo tempo, sem gênero, dentre outros. A identidade de gênero inicialmente é atribuída biologicamente, ou seja, com base nos cromossomos sexuais e a genitália do indivíduo, se possuir pênis é homem e se possui uma vagina é mulher.

Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas, o que faz isso é a cultura em que o indivíduo está inserido, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos (JESUS, 2012). O comportamento das pessoas não é designado por características físicas e biológicas, a pessoa que nasceu com cromossomo sexual masculino, não é obrigada a ser, e se identificar como homem perante a sociedade, a mesma coisa de quem nasce com cromossomos sexuais feminino, desta forma, concordamos com Jesus, (2012, p. 8) ao relatar: “Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.”

Podemos perceber que a identidade de gênero é um fenômeno social, e não biológico. E é importante na vida, pois todo ser humano desempenha um papel na sociedade como cidadão usufruindo de direitos e deveres. Os tipos de identidade de gênero mais comuns são os cisgênero, transgênero, agênero, não-binário e travestis. Cisgêneros são as pessoas que se identificam com o seu sexo de nascença, ou seja, a pessoa nasce com o sexo masculino e se identifica como homem, a pessoa nasce do sexo feminino e se identifica como mulher. O transgênero é o indivíduo que não se identifica com seu sexo biológico, ou seja, a pessoa nasce com características do sexo masculino mas se identifica socialmente como mulher, tal como pessoas que nascem do sexo feminino e se identificam como homem. O agênero é o tipo de identidade que a pessoa não se identifica com nenhum dos dois sexos, por algum motivo não entendem bem o seu gênero, e terminam que ficando neutro, ou seja, nem o gênero masculino e nem o gênero feminino. Não-binário inclui formas variadas de ambiguidade, mas de forma superficial é o indivíduo que nem é 100% mulher e nem é 100%

homem. O travesti são pessoas que se travestem, caracterizando o sexo feminino, mais não se identificam como do sexo feminino ou masculino. (JESUS, 2012)

Nesse contexto, os homossexuais buscam seu lugar nos espaços, enfrentam o preconceito da sociedade, pois grande parte da sociedade não aceita casais homossexuais. A sexualidade é importante e faz parte de significações na vida de um ser humano, o ideal seria não ter discriminação e repressão, pois isso pode causar danos psicológicos irreparáveis na pessoa.

Esse preconceito que é mais frequente com homossexuais é chamado de homofobia. A generalização do termo homofobia, um termo masculinizante que passou também a se referir as outras formas de discriminação contra a diversidade sexual de mulheres lésbicas, mulheres e homens bissexuais, travestis e transexuais (DINIS, 2011, p.40) Diante desses preconceitos da sociedade, os homossexuais começaram a lutar por seu direitos, “Somos milhões, estamos em toda parte e o futuro é nosso!” é um slogan que os homossexuais dos países do Primeiro Mundo costumam repetir em suas manifestações massivas e atividades culturais” (MOTT, 2006, p. 511). O número de manifestações realizadas por homossexuais aumentou gradativamente.

De fato, pesquisas científicas comprovam que milhões de gays, lésbicas, travestis e transexuais se espalham por todo o universo – 36% das culturas são hostis à homossexualidade, 64% favoráveis ao amor entre pessoas do mesmo sexo. Segundo o inquestionável Relatório Kinsey, a maior e mais respeitada investigação sexológica até hoje realizada no mundo, por volta de 10% da população ocidental é constituída predominante ou exclusivamente por praticantes do homoerotismo. Assim sendo, deve o Brasil possuir, nesta virada do milênio, por volta de 18 milhões de amantes do mesmo sexo, população assaz significativa – se compararmos, por exemplo, com os 400 mil índios existentes no país. (MOTT, 2006, p. 511)

Há bastante tempo ocorre discursões sobre o respeito às diferenças e à diversidade, que pode variar desde a diversidade de ideias, credos, chegando à diversidade sexual. Esse discurso nos leva a refletir, respirar novos ares, melhorar o entendimento sobre as diferenças que existem entre os gêneros e orientações sexuais, que vão muito além do sexo biológico. (BARRETO, 2009). Certamente a melhor maneira de diminuir a homofobia, a discriminação com as pessoas é a educação das pessoas, a conscientização das pessoas, para que esses ensinamentos comece dentro de casa, os pais ensinando a seus filhos o respeito as diferenças.

Depois disso, é de extrema importância o complemento feito pela escola, reforçando os ensinamentos repassados pelos pais, e agregando mais conhecimentos sobre a sexualidade, descrevendo sobre seus aspectos biológicos, que é importante para o conhecimento do corpo e

suas mudanças, evitar doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, e claro, no contexto social, o papel do indivíduo como cidadão na sociedade com direitos e deveres iguais a cidadãos comuns.

A escola tem importante função no processo de conscientização, orientação e instrumentalização dos corpos da criança e do adolescente. A instituição escolar, ao classificar os sujeitos pela classe social, etnia e sexo, tem historicamente contribuído para (re)produzir e hierarquizar as diferenças. Essa tradição deixa à margem aqueles que não estão em conformidade com a norma hegemônica e, desta forma, não contempla a inclusão da diversidade sexual, proposta na atualidade. Esse cenário alerta para o papel da Educação no combate à homofobia, por meio de ações que promovam a construção de uma sociedade justa e equânime e que garantam os direitos humanos, por intermédio da integração das Políticas Públicas citadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) para a Orientação Sexual. (SANTOS; RAMOS; TIMM & GONTIJO, 2008, p. 2)

Para que a sexualidade passe a ser tratada seriamente e seja compreendida por jovens, faz-se necessário um trabalho constante nos espaços escolares, de modo que, a família também participe. A realização de atividades como: palestras e debates podem ajudar na luta contra o preconceito e aceitação da orientação sexual pretendida pelos sujeitos. Assim:

A orientação sexual deve impregnar toda a área educativa. Alunas e alunos devem ser instigados a falar através de uma metodologia participativa que envolve o lidar com dinâmicas grupais, a aplicação de técnicas de sensibilização e facilitação dos debates, a utilização de materiais didáticos que problematizem em vez de “fechar” a questão, possibilitando a discussão dos valores (sociais e particulares) associados a cada temática da sexualidade. (ALTMANN, 2001, p.8).

Nesse sentido, a formação inicial tem papel importantíssimo na construção de estratégias que viabilizem os debates nas escolas, por meio da preparação de professores aptos a realizar discussões sobre a temática sexualidade. Então, preparar alunos-mestres para o respeito às diferenças é fundamental para mudanças futuras no espaço escolar e social.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1 ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa foi realizada no município de Picos - PI, que está localizado geograficamente na região centro-sul do Piauí. Com uma área total de 577 km², está a 206 m de altitude, e a 317 Km da capital Teresina, sendo sua população estimada em 73.414 habitantes segundo dados do IBGE 2014. Picos, atualmente, conta com uma ampla rede de ensino com oferta da Educação Básica e com duas Instituições Públicas de Ensino Superior a Universidade Federal do Piauí (UFPI) e a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e com algumas faculdades da rede privada de ensino.

A coleta de dados foi realizada na Universidade Federal do Piauí que se localiza na Rua Cícero Eduardo, S/N - Bairro Junco - Picos/PI e que oferta nove cursos: Bacharelado em Administração de Empresas, Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, Bacharelado em Enfermagem, Licenciatura Plena em História, Licenciatura Plena em Letras, Licenciatura Plena em Matemática, Bacharelado em Nutrição, Licenciatura Plena em Pedagogia, Medicina. Os dados foram coletados especificamente com alunos do curso de Biologia que funciona na instituição desde o ano de 2006 e atende a uma clientela de 321 alunos regularmente matriculados.

Figura 1 - Vista aérea da cidade de Picos/PI



Fonte: Moura, J. G e Sousa, J. P. L. 2016. P.

<http://www.folhaatual.com.br/2015/index.php?page=shmt&ma_id=1812>

Figura 2- Vista interna da UFPI-CSHNB.



Fonte: Dias, J. 2013. p. 1

< http://www.picos40graus.com.br/?sh=shmt&ma_id=71 >

4.2 TIPO DE PESQUISA, SUJEITOS E INSTRUMENTOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa faz parte da obtenção de dados descritivos mediante o contato direto e interativo do pesquisador com a situação e objeto de estudo. (NEVES, 1996, p. 1). Está relacionada a levantamento de dados de um grupo, sendo realizada através de entrevistas ou observação em campo.

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. (DUARTE, 2002, p. 141)

A pesquisa buscou analisar a concepção de alunos-mestres de Biologia sobre o tema sexualidade durante o Estágio Supervisionado e sua prática para com o tema, com o intuito de contribuir com reflexões sobre a temática em questão.

Foram sujeitos da pesquisa 22 alunos regularmente matriculados no curso de Ciências Biológicas que estavam cursando o oitavo e nono períodos do curso, momento de oferta das

disciplinas Estágio Supervisionado III e Estágio Supervisionado IV. Os sujeitos estavam realizando o Estágio Supervisionado em escolas conveniadas a UFPI e assinaram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento.

Os dados foram coletados através de entrevistas, com local e data previamente agendados com os colaboradores da pesquisa que puderam discorrer livremente sobre as questões apresentadas.

Após a coleta dos dados, houve a transcrição das falas que foram categorizados e analisados conforme a técnica de Análise de dados de Bardin (2006, p.38) que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, e utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Assim os dados foram organizados em duas categorias de análise: Sexualidade na escola e Estágio Supervisionado. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

5 ANALISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A temática sexualidade está em evidencia nos últimos anos, fato esse, que intensifica o desejo da realização da pesquisa. Diante das polemicas e controvérsias que há sobre esse tema cabe desvelar o pensar dos alunos-mestres para compreendermos a formação apresentada pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Para manter o anonimato dos participantes da pesquisa, nesse trabalho, foram nomeados por: AM1, AM2, AM3, AM4, AM5, ..., AM22. Dessa forma, apontamos algumas falas dos partícipes para apresentar concepções e aprofundamento das discussões. O texto prossegue com a apresentação de itens referentes a categoria de análise sexualidade na escola.

5.1 CATEGORIA DE ANALISE: SEXUALIDADE NA ESCOLA

Falar de sexualidade tornou-se relevante mediante as redefinições do termo e a luta pelo reconhecimento de valores que não estejam relacionados apenas a conceitos heteronormativos. Assim, pedimos aos alunos-mestres que conceituassem sexualidade. Para os alunos-mestres AM1, AM5, AM9, AM15, AM21, sexualidade:

È um termo amplamente abrangente, que engloba inúmeros fatores e dificilmente se encaixa em uma definição única e absoluta, sabe-se que ela inicia na adolescência, ou seja, na puberdade. (AM1)

É o processo de desenvolvimento dos órgãos sexuais, e o aparecimento dos desejos sexuais. (AM5).

È a maneira de se comporta do indivíduo, se é homossexual, heterossexual, bissexual, independente do seu gênero. (AM9)

É o conjunto de características sexuais que formam o indivíduo. (AM15)

É um termo muito amplo que se inicia juntamente no período da puberdade. (AM21)

As falas dos alunos-mestres AM5, AM15, AM21 ao conceituar sexualidade nos leva a compreender que sexualidade está relacionada à categorização e sistematização dos órgãos genitais, discurso permitido e legitimado por muito tempo nos espaços escolares, fundamentando-se no discurso biológico. Para Quadrado e Barros, nesse viés, a sexualidade

fica restrita ao ensino de ciências e biologia, sendo abordada em momentos estanques na escola. Assim, a escola enquanto espaço de formação política, cultural, econômica e social dos sujeitos vem atuando na constituição de subjetividades que vão ao encontro da concepção de heterossexualidade, negando e menosprezando outras.

Essa abordagem não possibilita outras formas de entender a sexualidade, sendo assim, tais discussões não possibilitam que os/as estudantes reflitam sobre questões como a homofobia, os diferentes modos de sentir prazer, sobre os preconceitos, sobre a equidade de gênero e sobre as diversas situações de exclusão social, entre outras temáticas. (MAIA, et al, 2014 p. 124)

A compreensão de sexualidade como algo que vai além da especificação dos órgão sexuais, de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, não é fácil, por temos, uma sociedade que normatiza, controla, impõe um jeito de ser e estar no mundo. O aluno-mestre AE9, ao tentar conceituar sexualidade, apresenta os termos homossexual, heterossexual, bissexual, que estão relacionados à orientação sexual dos sujeitos, ou seja, seu desejo por indivíduos do mesmo sexo (homossexual), por indivíduos do sexo oposto (heterossexual), ou por indivíduos do sexo masculino ou feminino (bissexual). O aluno-mestre AE1 conceituou sexualidade de forma mais ampla, reconhecendo sua complexidade, mas, limitou a sexualidade a puberdade, fase em que ocorreu muitas transformações no corpo humano. Para Gurgel (2010) a sexualidade ocorre desde o nascimento, onde a criança explora o prazer, os contatos afetivos e as relações de gênero. Assim,

Apreciar a textura de um sorvete, relaxar numa massagem, desfrutar o beijo de uma pessoa amada: tudo o que se relaciona ao prazer com o corpo está ligado à sexualidade. Embora pelo senso comum ela se confunda com o erotismo, a genitalidade e as relações sexuais, o fato é que esse campo de desenvolvimento humano pode ser entendido num sentido mais amplo e deve incluir a conscientização sobre o próprio corpo e a forma de se relacionar amorosamente. (GURGEL, 2010, p.)

Desse modo, a escola e a universidade, especialmente os cursos de formação de professores devem refletir sobre sexualidade, por ser, esses espaços, local de formação de identidades - sexuais, gêneros, preconceitos, dentre outros. As análises realizadas sobre as falas aqui expostas e sobre as demais não selecionadas para serem expostas no trabalho, nos levam a compreender que a concepção de sexualidade desenvolvida por alunos-mestres da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, estão limitadas ao

conhecimento biologicista que se fundamenta na anatomia e fisiologia dos corpo apresentada a muitas décadas.

Como a sexualidade está diretamente relacionada à constituição da identidade sexual e identidade de gênero, os alunos-mestres foram conduzidos a relatar sua compreensão sobre identidade de gênero e identidade sexual, assim, posicionando-se:

Identidade sexual está relacionada à opção sexual da pessoa, e identidade de gênero é o sexo da pessoa masculino ou feminino. (AM2)

Identidade sexual: como o indivíduo se identifica, sendo homossexual, heterossexual, bissexual, transexual. Identidade de gênero como ele se vê: sexo feminino ou masculino. (AM7)

Identidade de gênero é o fato de o indivíduo ser masculino ou feminino. Identidade sexual é o que o indivíduo escolhe ser, independente do gênero. (AM11)

É a busca de cada indivíduo por seu relacionamento, seja homo afetivo, ou não. Identidade de gênero é expor para a sociedade quem você quer ser, seja homem ou mulher e vice-versa. (AM18)

Identidade sexual: a escolha do parceiro. E identidade e gênero: masculino ou feminino. (AM20)

As respostas dos entrevistados apontam para a compreensão e diferenciação entre identidade sexual e identidade de gênero, esse fato, pode estar vinculado à mídia televisiva que nos últimos anos vem abordando essa temática em novelas, programas de auditório, minisséries, entre outros. Nesse contexto, seria importante olhar para dentro da escola e do currículo e ver que histórias estão sendo produzidas, como a mídia está sendo abordada na escola, que conceitos midiáticos a escola apóia e dissemina.

Na sociedade atual, a literacia mediática constitui-se como uma questão de inclusão (CCE, 2009) e é um importante fator para uma cidadania ativa e plena (CNE, 2011; MEC, 2011). Além de incluir todos os meios de comunicação social, a literacia mediática é vista como a capacidade de acelerar aos *media*, de aprender e avaliar de modo crítico os seus diferentes aspectos e conteúdos e de criar comunicações em contextos distintos (CCE, 2009). (TEIXEIRA, 2016, p. 86).

Dessa forma, o que se torna relevante não é o acesso aos recursos midiáticos, mas, capacitar os cidadãos e cidadãs para selecionar, filtrar, controlar e usar esses elementos, de forma crítica, participativa e autônoma.

Quando nos referimos à constituição das identidades sexuais e de gênero nos reportamos às idéias de Louro (1997), ao afirmar que as identidades sexuais dos sujeitos se constituem através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos, ou sem parceiros/as, e as identidades de gênero pela identificação social e histórica dos sujeitos, como masculino ou feminino. Importando considerar, que

[...] tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento, seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade, que possa ser tomado como aquele em seja a identidade sexual/ ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. (LOURO, 1997, p. 27)

Trabalhar sexualidade na escola é fundamental para compreensão das formas de viver a sexualidade e constituição de subjetividades. Assim, pudemos verificar nas falas dos alunos-mestres que já trabalharam o tema na escola, como ocorreu.

Realização de palestras com alunos do 7^a e 8^a ano do ensino fundamental. (AM2)

Uma palestra explicando os métodos contraceptivos. (AM8)

Palestras demonstrativas(expositivas) com debate ao final das explicações, entre estudantes e ministrantes. (AM7)

Aula teórica, palestra e depois da aula a realização de um jogo didático. (AM6)

Foi realizada uma intervenção numa escola de ensino fundamental e ensino médio, no qual foi abordado palestras abordando sexualidade, as diferenças e foi incentivado o respeito pelo diferente. (AM3)

Realizei um projeto juntamente com minha turma. Sobre sexualidade onde houve palestras sobre: Métodos contraceptivos, DSTs entre outros. (AM1)

As falas comprovam que o trabalho com o tema foi realizado em escolas por alunos-mestres do curso de Ciências Biológicas. A abordagem do tema ocorreu de forma expressiva com palestras que abordavam questões como DSTs e gravidez na adolescências, problemas sociais que requer mecanismos preventivos para sua eliminação. AM3 optou por ampliar as discussões sobre sexualidade e tratou do necessário respeito a diferença, como expressa sua fala. O tema “sexualidade” não se resume apenas a termos biológicos, que foi o trabalhado

pelos demais sujeitos da pesquisa. Mas, também questões comportamentais e sociais. Para Ribeiro, Silva, Goeliner (2009, p, 87), também é importante esclarecer conceitos:

O que penso ser importante destacar nessa questão é o da legitimidade de alguns conceitos diante de outros. No caso em questão, o termo 'orientação sexual' passou a ser utilizado por muitas pessoas, incluindo estudiosos/as, como sinônimo de 'educação sexual', termo comumente utilizado. Na medida em que o Ministério da Educação publica um documento oficial privilegiando esse termo, ele passa a ser privilegiado em relação aos demais. Nessas relações de poder-saber, esse conceito passou a ser adotado e utilizado como correto, em detrimento do termo 'educação sexual', que passou a ser questionado por seu próprio 'desgaste' conceitual, principalmente pelas práticas calcadas no biologicismo, nas informações sobre anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis, especialmente fundamentadas em preceitos essencialistas e universalizantes.

Para muitos professores, o trabalho com o tema sexualidade é difícil pelo interesse e curiosidade dos alunos sobre alguns aspectos que ainda são tabus na sociedade e às vezes proibidos por pais e gestores no espaço escolar. Então, perguntamos aos alunos-mestres sobre que aspectos os alunos demonstram interesse na abordagem do tema sexualidade e as respostas foram às seguintes:

Tinham curiosidade em entender as transformações que ocorrem no seu corpo. (AM1)

Desejavam saber sobre a reprodução e relação sexual. (AM3)

Ficam curiosos quanto às genitálias e formas contraceptivas. (AM10)

Queriam saber sobre as doenças sexualmente transmissíveis e partes do corpo. (AM13)

Perguntaram sobre a gravidez na adolescência e a AIDS. (AM19)

O depoimento do aluno-mestre AM1, aponta para o desejo do alunado em compreender as mudanças que ocorrem em seu corpo, enquanto, para os alunos-mestres AM3, AM10, AM13 e AM19 o interesse do alunado se concentra na compreensão do sistema reprodutor, formas de prevenção de DSTs e métodos contraceptivos. Fato é que, há o desejo entre crianças e adolescentes da compreensão das mudanças biológicas que ocorrem em seus corpos, essas mudanças, quando não esclarecidas pela escola e família deixa crianças e jovens vulneráveis a fatores de risco como: gravidez na adolescência, abuso sexual, dentre outras (RIBEIRO, 2007).

Por haver necessidade do esclarecimento do processo biológico de desenvolvimento do corpo, muitas vezes, sexualidade encontra-se vinculada apenas a fatores biológicos e as relações sexuais heterossexuais, excluído a vivencia dos prazeres e desejos corporais. Como o tema ainda é polêmico, na escola, limita-se ao ensino de ciências e biologia.

Assim entende-se como sendo essencial a promoção de práticas educativas que incluam uma perspectiva crítica de gênero e sexualidade, de forma a desconstruir possíveis estereótipos e estigmas sociais que, no cotidiano, condicionam e multiplicam a exclusão social (TEIXEIRA, 2016, p. 87).

Nesse contexto, a formação dos professores para o trabalho com o tema sexualidade requer a ruptura com visões simplistas sobre o ensino de Ciências e Biologia e o reconhecimento de nossas insuficiências mediante a transmissão de conhecimentos e destrezas durante a formação inicial. Preparar os alunos-mestres para o trabalho de compreensão da sexualidade para além do biológico é primordial para a constituição de relações sociais pautadas no respeito e reconhecimento das diferenças.

5.2 CATEGORIA DE ANÁLISE: ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Como forma de reconhecimento da formação inicial, cursos de formação de professores, como espaço de preparação de professores para abordagem do tema sexualidade, perguntamos aos alunos-mestres se estão preparados para o trabalho escolar com o tema sexualidade. Todos responderam de forma positiva, exceto o estagiário AE3. Vejamos alguns excertos:

Acredito que sim. Por que já adquiri muitos conhecimentos ao longo de minha carreira acadêmica, juntamente com meus conhecimentos prévio. (AM4)

Sim. Sinto-me à vontade ao falar sobre a temática, visto que é bem importante para ser tratada com adolescentes que estão em processo de formação. (AM8)

No momento não. Mas adequando mais meus conhecimentos e experiência, aí sim, estaria um pouco mais preparado para trabalhar com essa temática. (AM11)

Sim. Por que se nós futuros docentes não ensinarmos e tirarmos as dúvidas na escola, infelizmente os alunos aprendem na rua de forma errada. E isso ocorre com frequência com nossas crianças e jovens. (AM13)

Sim. Tenho conhecimentos essenciais que podem ser repassados, para o melhor aprendizado. (AM17)

Os alunos-mestres que disseram estar preparados para o trabalho escolar com o tema, não apresentaram argumentos que fizessem compreender o nível de sua preparação para a tarefa. Deram respostas que estão voltadas para o acúmulo de conhecimentos durante sua formação, como fez o aluno-mestre AM4 e AM17; sobre a importância do esclarecimento de dúvidas no espaço escolar, isso para o aluno-mestre AM11 e a importância do tema, para o aluno-mestre AM8. Mediante as concepções analisadas anteriormente, nesse trabalho, acreditamos que os alunos-mestres sintam-se preparados para tal tarefa a sua maneira, essa, não está vinculada a concepção de sexualidade como motriz de desejos, prazeres, palavras, imagens, rituais, fantasias ou constituição de identidades.

Assim, defendemos um trabalho contínuo e com caráter político que possibilite que a escola faça o contraponto, reflita, discuta e desestabilize alguns modelos hegemônicos referentes às temáticas de corpo, gênero e sexualidade, tais como a heterossexualidade, a noção de criança inocente e assexuada, o modelo de família nuclear, entre tantos outros presentes na nossa sociedade (MAIA, et al, 2014 p. 125).

Conseguir realizar essa tarefa não é fácil, mas também, não é impossível. O aluno-mestre AM11 esclarece ser necessário adequar seus conhecimentos e ter um pouco mais de experiência para se sentir preparado para o trabalho com sexualidade, em um processo de formação, as inseguranças e dúvidas quanto à prática docente podem ser inúmeras, o fato da utilização do termo *adequar* é que nos leva a refletir sobre a imposição de concepções ou enquadramento em normas preestabelecidas, surge assim, a possibilidade do mesmo estar se referindo ao trabalho com a concepção biologicista de sexualidade.

Alguns Cursos de Formação de Professores já iniciaram trabalhos com a temática Sexualidade, favorecendo debates e reflexões em âmbito universitário e escolar. Não se pode negar a importância dessas iniciativas para compreensão da amplitude do tema, tão pouco, a necessidade do preparo dos futuros professores nos cursos de formação inicial. Nesse sentido, alunos-mestres foram indagados sobre o que pode ser feito para que essa temática possa ser compreendida e discutida em âmbito acadêmico. Assim, posicionaram-se:

Essa temática deveria ser mais abordada em sala de aula, principalmente, no âmbito acadêmico, para que nós, futuros professores, sejamos melhor preparados. Deveria haver mais debates, palestras, etc. (AM2)

Realização de palestras em evento que sejam organizados pela universidade, elaboração de projetos ou mesmo disciplinas na área. (AM5)

Momentos de conversa com a comunidade e acadêmicos, pois, muitos assuntos não são permitidos no seio familiar. (AM9)

Primeiro deve haver uma melhor divulgação do termo, e em seguida devem ser realizados eventos que tirem as dúvidas sobre essa temática. (AM15)

Maiores discussões na universidade para que nós futuros professores sintamos mais segurança em trabalhar com o tema. (AM21)

Embora a formação inicial não dê conta de suprir todas as necessidades da formação docente, é nela, que são depositadas todas as expectativas de formação de professores brilhantes. E nesse aspecto, consideramos brilhantes os professores que desenvolvem saberes pedagógicos, específicos e experienciais. Assim, com a fala dos interlocutores percebemos o desejo por uma formação que atenda aos anseios da sociedade, ou seja, que possa agregar valores e desconstruir conhecimentos e práticas hegemônicas. Para o trabalho mais eficiente com sexualidade propõem debates, palestras, conversas com a comunidade e até a inserção de disciplina voltada para temática. Assim, cabe refletirmos sobre um novo currículo nos cursos de formação de professores, para inserção de temáticas que estão em voga e que fazem parte do cotidiano social e das instituições educacionais. Para isso, o currículo deve ser compreendido como “[...] um lugar privilegiado dos processos de subjetivação, da socialização dirigida, controlada” (COSTA, 2005, p.51). E nesse processo, ocorre a preparação, formação, de um determinado sujeito para um determinado modelo de sociedade.

Palestras, debates, exposições dialogadas em sala de aula, projetos de extensão, dentre outros, são mecanismos de apoio a divulgação de concepções atuais ou hegemônicas de sexualidade. Acreditamos ser possível a desconstrução de concepções hegemônicas a partir do dialogo e do respeito as subjetividades e identidades, garantindo assim, os direitos humanos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar o tema sexualidade em escolas que ofertam a Educação Básica ainda é um desafio, visto que, muitos são os tabus referentes aos desejos e prazeres vinculados ao tema. Assim, torna-se viável a preparação de alunos-mestres nos Cursos de Formação de Professores para o trabalho com concepções mais amplas de sexualidade.

Falar de sexualidade na escola não deve ter como limiar apenas questões biologicistas, desprezando comportamentos e fatores sociais, em meio, a diversidade de sujeitos e diferenças atualmente perceptíveis na sociedade, é inviável trabalhos que não prezem pelo respeito e aceitação das diferenças, seja de gênero, sexo, etnia, dentre outras. Nesse sentido, a escola constitui-se espaço adequado para discussões que propicie o respeito aos direitos humanos e a permanência dos sujeitos ditos diferentes, visto que, as diferenças apresentadas são por vezes, fruto da diversidade cultural que habita nosso país e que se torna cada vez mais perceptível.

Muitos são os mecanismos para o desenvolvimento da temática sexualidade na escola, cabendo aos docentes a escolha adequada de tais mecanismos e o momento oportuno para o trabalho do tema, que, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais deve ocorrer transversalmente. Assim, palestras, debates, encenações, projetos, dentre outros podem ser realizados a fim de esclarecer dúvidas dos educandos quanto ao desenvolvimento e conhecimento do seu próprio corpo e de sua sexualidade.

Dos Cursos de Formação de Professores de Biologia, esperam-se maiores práticas para com o tema sexualidade, onde concepções mais amplas sejam abordadas, possibilitando discussões referentes a orientação sexual, preconceito sexual e de gênero, homofobia, sexismo, etc. Orientar os alunos-mestres para a abordagem escolar dessas questões ajuda a eliminar o preconceito e as desigualdades sociais, contribuindo para equidade de direitos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. CASTRO, M. G. e SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALTMANN, H. **Orientação Sexual nos parâmetros Curriculares Nacionais**. Estudos feminista. 2/2001.
- ANJOS, G. **Identidade Sexual e identidade de gênero**: subversões e permanências. Sociologias, Porto Alegre, ano 2, n° 4, p.274-305 jul/dez 2000.
- BARRETO, R.C.V. **A homossexualidade em foco**: discutindo o padrão masculino dominante .5ª ed. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas. p. 1 – 18. Jul /2013.
- COSTA, E. S. **Requerimento pede independência para a UFPI de picos**. Disponível em: <http://www.folhaatual.com.br/2015/index.php?page=shmt&ma_id=1812> Acesso em: 17 de outubro de 2017.
- COSTA, M. V. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa vorraber et al. (Org), **O currículo nos limiares do contemporâneo**, 4, ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p, 37-68.
- DINIZ, N. F. **Homofobia e educação**: quando a omissão também é signo de violência. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, Ed. UFPR. p. 39-50, jan./abr. 2011.
- JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012.
- JUNQUEIRA, R. D. **Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico**. v.2, n.2, pp.208-230, Setembro de 2009 a Março de 2010.
- LIRA, JOFILI. Z. **O tema Transversal Orientação Sexual nos PCN e a Atitude dos Professores: Convergente ou divergentes?** RAMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente, v.3 n I p. 22-44. Abril 2010
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. **O corpo educado** – Pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2000.
- MAIA, A. C. B. e RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual**: Princípios para ação. Doxa, v.15, n.1, p.75-84, 2011.
- MAIA, A. C. B....[et al.] ; **Educação para a sexualidade**. – Rio Grande: Ed. da FURG, 2014.
- MOURA, J. G e Sousa, J. P. L. **Picos e região ganha novo portal de notícias**. Disponível em: < http://www.picos40graus.com.br/?sh=shmt&ma_id=71>. Acesso em: 17 de outubro de 2017.

MOTT, L. **Homo-afetividade e direitos humanos**. Revista Estudos Feministas, vol. 14, núm. 2, maio-setembro, 2006, p. 509-521 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil

NOGUEIRA, N. e OLIVEIRA, J. M. **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. 2010.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa**-características, uso e possibilidades. Caderno de pesquisas e administração. São Paulo, V.1, N^a 3, 2^a sem/ 1996.

PARECER CNE/CES 1301/2001- HOMOLOGADO. Despacho do ministro em 04/12/2001, publicado no diário oficial da união de 07/12/2001, sessão 1, p.25.

PRESIDENCIA DA REPUBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA para Assuntos Jurídicos LEI N^o 11.788, de 25 de setembro de 2008.

RIBEIRO, P. R, C; SILVA, M. R. S; GOELINER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: Editora da FURG, 2009. 170 p.

RODRIGUES, A. & BARRETO, M. A. S. C. **CURRÍCULOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES**. Experiências Misturadas e Compartilhadas. Vitória-Espirito Santo. Ed. EDUFES. 2013.

SANTOS, J. L. **Haja dedicação ao ensino**. Teresina: editora Halley S.A. 2013.

SEFFNER, F. et al, SOARES, G. F, SILVA, M. R. S & RIBEIRO, P. R. C. **Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais**. Rio Grande: Ed. Da FURG, 2006.

VASCONCELOS, M. L. **Educação Básica: a formação do professor, relação professor – aluno, planejamento, mídia e educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

VIANNA, C. **Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica**. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 127-143, maio/ago. 2012

APÊNDICE 01 - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS QUESTÕES DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1- O que é sexualidade?
- 2- Você já trabalhou com o tema sexualidade na escola? Quais atividades realizou com os alunos?
- 3- Os alunos demonstram interesse ou curiosidade em discutir o tema sexualidade? Por quê?
- 4- O que você entende por identidade sexual e identidade de gênero?
- 5- Como a escola reage ao trabalho com o tema sexualidade? Você se sente preparado para o trabalho com essa temática? Por quê?
- 6- Você já leu os temas transversais sobre orientação sexual? O que você achou do documento
- 7- Na universidade você teve a oportunidade de discutir essa temática com seus professores? Como ocorreu as discussões?
- 8- O que você acha que pode ser feito para que essa temática seja melhor compreendida e discutida em âmbito acadêmico e escolar?

APÊNDICE 02 – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
TERMO DE CONSENTIMENTO**

Após a leitura da carta de informação eu _____ representante da instituição de ensino _____, estou ciente dos procedimentos metodológicos e também dos objetivos da pesquisa proposta pelos pesquisadores. Com isso firmo meu **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** de concordância na participação e colaboração da pesquisa. Diante do exposto declaro ser de livre e espontânea vontade a participação nessa pesquisa.

Picos-PI, _____ de _____ de _____.

Representante da Instituição



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: **“A Prática Docente dos Alunos-Mestres de Biologia: saberes mobilizados no estágio supervisionado”**.

Pesquisador responsável: **Dr. José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho**

Instituição/Departamento: **UFPI/PPGE**

Telefone para contato: **(86) 3215-5693**

Pesquisador participante: **Nilda Masciel Neiva Gonçalves**

Telefone para contato (inclusive a cobrar): **(89) 99229946**

Prezado Senhor/Senhora,

Convidamos-lhe a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa em Educação. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao condutor deste estudo, a mestrande Nilda Masciel Neiva Gonçalves, quaisquer dúvidas que venham a surgir. Após ser esclarecido(a) sobre todas as informações que julgar necessárias, e no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma.

A pesquisa intitulada **“A Prática Docente dos Alunos-Mestres de Biologia: saberes mobilizados no estágio supervisionado”** tem como objetivo caracterizar a prática docente dos alunos-mestres de Biologia e as formas de aquisição e mobilização de saberes no Estágio Supervisionado. Os dados serão coletados por meio da aplicação de questionário misto e de entrevista semiestruturada, ambos individuais. O questionário misto e a entrevista

semiestruturada serão aplicados em local, data e horário definidos pelos partícipes (professores supervisores de estágio da área de biologia e alunos-mestres da Universidade Federal do Piauí matriculados no curso de Biologia).

O questionário misto será entregue a cada professor supervisor na escola em que trabalha e para o aluno-mestre na escola onde realiza o estágio supervisionado, visando obter dados sociodemográficos. Será dado a cada sujeito a opção de devolução do questionário, podendo ser no mesmo dia ou no dia seguinte, ficando a seu critério a escolha do local da devolução.

A entrevista semiestruturada será gravada em gravador digital. Cada entrevista terá a duração de, no máximo, 40 minutos. Todas elas serão transcritas e, posteriormente analisadas pelos entrevistados. O partícipe poderá fazer alterações no texto transcrito, caso julgue necessário. As entrevistas seguirão um roteiro, onde serão contemplados os seguintes elementos: técnica de ensino, uso de recursos didáticos, caracterização da prática docente, mobilização de saberes.

Nesta pesquisa não há benefício direto para o participante, entretanto, poderá evidenciar os anseios dos partícipes no que se refere a aquisição e mobilização de saberes durante o Estágio Supervisionado. Além disso, os resultados obtidos fortalecerão a discussão sobre a temática, possibilitando a tomada de decisões por parte dos gestores e, conseqüentemente, poderá acarretar melhorias na prática dos professores de biologia.

Toda e qualquer pesquisa gera riscos, porém, asseguramos que neste estudo os riscos aos partícipes são mínimos, tais como a possibilidade de sentir-se constrangido em revelar informações pessoais ou ainda de haver desconforto em descrever a sua prática docente. Ressalta-se que, em caso de ocorrência dos danos citados acima, os pesquisadores comprometem-se em prestar assistência no sentido de suspender a participação do referido sujeito.

O sujeito terá garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo, terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Se concordar em participar do estudo, sua identidade será mantida em sigilo. Esclarecemos que durante o período de participação, o sujeito terá direito de retirar o consentimento a qualquer tempo.

Eu, _____,
portador de RG número _____ e CPF número _____,
concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li descrevendo o estudo “**A Prática Docente dos Alunos-Mestres de Biologia: saberes mobilizados no estágio supervisionado**”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizadas, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo, voluntariamente, em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização, sem penalidades ou prejuízo de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Teresina, ____/____/____

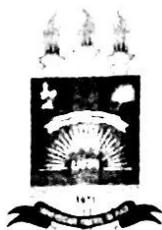
Assinatura do sujeito

Assinatura dos pesquisadores

Observações complementares:

Caso deseje fazer alguma consideração ou sanar dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa-UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga, Pró Reitoria de Pesquisa – PROPESQ. CEP: 64.049-550 - Teresina – PI. Telefone: (86) 3237-2332. Email: cep.ufpi@ufpi.br . Web: www.ufpi.br/cep





**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA
BIBLIOTECA "JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, José Renan Santos Sousa

autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação da monografia com o título "Sexualidade: Reflexões no estágio supervisionado" de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 12 de novembro de 2018.

José Renan Santos Sousa
Assinatura

José Renan Santos Sousa
Assinatura

